

# O MEGALITISMO NA PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA

*Johnni Langer*<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo procura reconstituir os registros de evidências megalíticas no Brasil, contrastando aspectos imaginários e míticos com pesquisas arqueológicas.

## ABSTRACT

*The present article tries to reconstitute the registrations of megalithic evidences in Brazil, contrasting imaginary and mythical aspects with archaeological researches.*

<sup>1</sup> *Doutorando em História pela  
Universidade Federal do Paraná.*

Endereço para correspondência

Caixa Postal 273

Curiúba – PR

CEP: 80001-970

FAX: (041) 336-9458

E-mail: [saturnus@netpar.com.br](mailto:saturnus@netpar.com.br)

## O MEGALITISMO NA PRÉ-HISTÓRIA BRASILEIRA

Nesta iminente virada de milênio, abundante quantidade de teorias preenchem o mercado literário, a respeito de temas vinculados à pré-história humana. Desde fantasias especulativas de origem extraterrestre, à interpretações místicas de nossa vinculação racial com os tempos primitivos. O nosso país não se exclui dessa tendência, apresentando, há muitas décadas, diferentes versões de nossa história, seja colonizada por navegantes de origem fenícia e celta, até a existência de antigas civilizações perdidas.

Uma das provas apresentadas pelos defensores dessas polêmicas históricas seriam vestígios de pedra encontrados por todo o Brasil, em diferentes épocas. Seriam apenas formações naturais ou, em alguns casos, realmente obra de culturas antigas? O tema do megalitismo brasileiro está relacionado a diversos mitos arqueológicos, como as cidades perdidas, mas também existem diversas pesquisas acadêmicas que comprovam a existência dessa classificação cultural em nosso país. O objetivo principal desse estudo é proporcionar elementos bibliográficos para futuras pesquisas nessa temática.

### 1. MEGALITISMO – TIPOLOGIA E PARÂMETROS

Os denominados monumentos megalíticos (do grego *mega* – grande e *lithos* – pedra) são construções em rocha, geralmente de forma tosca ou retalhada. Mas antes de tudo, significa “um conjunto determinado de elementos culturais (..) um modo de construção (Orens, 1978: 10)”. Gericamente,

as suas formas não são precisas e a superfície não é polida. A terminologia **megalitismo** surgiu em 1867 na Europa (Déchelete, 1924: 373) e, com o sucessivo desenvolvimento das pesquisas arqueológicas, tornou-se um termo empregado para o mundo inteiro.

Tanto para o continente europeu como para a Ásia, África e Polinésia, distinguem-se quatro tipos específicos de monumentos megalíticos: menir, alinhamento, cromlech e dólmen.

O *menir* (Baixo Bretão *men* – pedra e *hir* – longa) é uma pedra bruta artificialmente pouco trabalhada, de forma e altura variáveis, disposta verticalmente no solo (Déchelete, 1924: 375; Orens, 1978: 11). Pode encontrar-se isolada (monólito) ou agrupada (alinhamento). O **alinhamento** constitui-se de uma série de menires dispostos em fila, por vezes retilínea, cujo mais famoso exemplo é o de Carnac na França. Os agrupamentos circulares de menires são denominados *cromlech* (Celta *crom* – curva e *lech* – pedra).

O *dólmen* (Baixo Bretão *dol* – mesa e *men* – pedra) são monumentos de pedra horizontais sustentados por dois ou mais blocos verticais ao plano do nível de solo (Déchelete, 1924: 375). Os autores distinguem os dólmens simples, os com corredores, os de aléias cobertas e os com câmaras tumulares (Orens, 1978: 10). Os dólmens mais famosos são os de Stonehenge (Inglaterra) e New Grange (Irlanda).

Os monumentos megalíticos são registrados em todas as partes do mundo, realizados por diferentes culturas e períodos, abrangendo desde o neolítico até o séc. XIX.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> O mais antigo centro megalítico foi localizado no norte africano, datado de 8.000 a.C. e com implicações astronômicas (Malville, 1998: 488).

O megalitismo na América, apesar de registrado, sempre sofreu severas críticas quanto à sua presença, terminologia e difusão cultural pelos especialistas. O americanista J. Imbelloni, por exemplo, questionava o uso da terminologia europeia em monumentos e evidências sul-americanas. Para ele, o uso de nomenclaturas universais aplicadas em formas independentes e não homogêneas, como a dos aborígenes latinos, era problemática (Imbelloni, 1956: 152-153). A maioria dos pesquisadores, no entanto, acabou por seguir as reflexões do acadêmico Canals Frau. Em sua sistematização, considerou a cultura megalítica americana como sendo do **período formativo**, antecedendo as grandes civilizações ameríndias (Frau, 1950: 491-499). Recentemente, o arqueólogo Arie Boomert classificou os conjuntos megalíticos do nordeste da América do Sul em seis categorias: os agrupamentos de pedras afastadas; os círculos de pedras afastadas; as simples pedras levantadas; as figuras de pedras; as pilhas de pedras e os muros de pedras (Maziere, 1997: 121). Essas duas últimas categorias são problemáticas devido à intencionalidade questionável desses conjuntos em alguns casos e, também, de possíveis origens histórico-coloniais de alguns muros de pedras nas áreas de ocorrência. De qualquer maneira, o registro de pilhas de pedras em túmulos e outras espécies de sítios arqueológicos nem sempre possuem conotação megalítica.

Apesar dos vestígios andinos incaicos e das estátuas da Ilha de Páscoa e Tiahuanaco serem colocados numa categoria independente do megalitismo, emprega-se a terminologia para as áreas culturais pré-incaicas da Argentina, Chile, norte da América do Sul e América Central. Os mais expressivos exemplos são as **apachetas** – alinhamentos cir-

culares descobertos na Argentina, os alinhamentos encontrados no Brasil por Meggers e Evans, os **centros megalíticos** de Chontales (Nicarágua), Capá (Porto Rico), Chacuey (República Dominicana), Infernito (Colômbia), Queneto e Sillustani (Perú), Tafi, Tiu Cañada, Alamito e Salta (Argentina).

Em nosso país, apesar da escassa bibliografia sobre o tema, a sistematização realizada por André Prous para a produção arqueológica brasileira incluiu a terminologia *cromlech* para círculos de pedra em Minas Gerais, Bahia e Amapá (Prous, 1992: 31).

## 2. REGISTROS MEGALÍTICOS NO BRASIL COLONIAL

Um período histórico complexo de examinar relatos dessa natureza, devido à perspectiva eurocêntrica preconizada pelo agente colonizador.

O mais antigo relato apareceu com o aventureiro Anthony Knivet, em 1597. Explorando a região do Rio de Janeiro, indígenas o conduziram ao lugar denominado *Itaoca* (casa de pedra): “(...) bloco maciço de pedra, do porte de quatro grandes canhões, repousando no solo sobre quatro seixos como calços, pouco maiores que um dedo humano” (Knivet, 1947). Ainda próximo deste local foram encontradas marcas de pés humanos, que os indígenas também associaram com o mito do deus *Zumé*, o civilizador dos “selvagens”.

Em 1615 o padre Ivo D’Euvreux comentou a existência de altares em pedra em meio a petróglifos. Os indígenas, mais uma vez, creditaram a seus heróis míticos a autoria desse local (D’Euvreux, 1929).

O mais famoso relato colonial, que possui similaridades com os dois anteriores, é o de Elias Herckman. Futuro governador da

Paraíba holandesa, chefiava uma expedição pelos sertões de Cupaoba (Pernambuco), quando encontrou exóticos monumentos:

*“(...) duas pedras de moinho, perfeitamente redondas e de estupendo tamanho. Mediam 16 pés de diâmetro (...) Na grande ignorância destas coisas, não me será fácil dizer com que fim as teriam ali amontoado os bárbaros (...) Viram outra vez pedras de desmesurada grandeza, amontoadas pela mão do homem, quais possui também na Holanda a região de Drent (...) As tais pedras pareciam-se na forma com altares” (Barlaeus, 1980: 225).*

Os relatos de D’Euvreux, Knivet, e Herckmann são questionáveis quanto à autoria humana desses vestígios em pedra. Não foram confirmadas até hoje, pela arqueologia brasileira, estruturas megalíticas de grande porte, no caso dos dois últimos cronistas, de *dólmens*. Familiarizados com uma pré-história europeia colossal, os aventureiros podem ter transferido esquemas de representação familiar para o desconhecido facilitando, dessa maneira, a conquista e a colonização.

Ainda no período colonial (1806), temos as descrições do padre Francisco Menezes, mais fidedígnas quanto à estrutura de seus relatos. Em sua obra **Lamentação Brasileira**, fez um registro de 274 locais onde apareciam evidências de arte rupestre, considerado o mais importante documento arqueológico do período (Souza, 1991: 54). Associadas a esses petróglifos e pinturas descreveu formações de pedra: “(...) uma carreira de pedras grandes, redondas, que estão todas em linha, divididas umas das ou-

tras (...) uma lapa de pedra redonda á maneira de uma mó de ferreiro, do tamanho de uma rodeira de carro, deitada sobre outras pedras” (Menezes, 1887: 244-45). Certamente todas as descrições anteriores ao oitocentos, referentes a vestígios arqueológicos, servem para percebermos as diversas concepções culturais que a pré-história passou até nossa época atual. Misto de enganos, acertos e fantasias, o conhecimento dos tempos passados também proporcionou muitos mitos que resistem ao tempo, bem como valiosas informações empíricas, que não podem passar despercebidas.

### 3. MEGALITISMO NO BRASIL OITOCENTISTA

Com o advento da arqueologia no Brasil a partir de 1840, e sua sistematização nas décadas seguintes, o megalitismo torna-se uma possibilidade não pela verificação empírica, mas pela propagação de diversos mitos arqueológicos (Langer, 1997(b): 117). Esses mitos, de cunho nacionalista e civilizatório, propunham uma concepção **difusionista** das culturas ameríndias – originadas do suposto contato com civilizações europeias, como a dos fenícios e vikings (Frost, 1993), ou **declínio cultural** – os aborígenes constituiram uma civilização avançada e depois decaíram.<sup>2</sup> Inúmeros historiadores e arqueólogos brasileiros deste período eram partidários dessas concepções. Um exemplo do alcance internacional dessas teorias foi a publicação do mais influente e famoso estudo da arqueo-

<sup>2</sup> Mitos civilizatórios na pré-história são atualmente muito estudados no ocidente, principalmente a cidade perdida de Zimbawe (Beach, 1998), bem como as implicações políticas desses mitos nas sociedades (Lima, 1988; Harke, 1998).

logia americana do séc. XIX: *L'Amérique préhistorique*. Escrito pelo marquês de Nadaillac, confirmava os relatos coloniais de antigos monumentos no Brasil:

*“Herckmann, envoyé dans l'intérieur de la province de Pernambuco par le prince de Nassau-Siegen, durant la domination hollandaise, signalait deux pierres parfaitement rondes, dont la plus grande mesurait seize pieds de diamètre, placées l'une sur l'autre. C'était là une de ces constructions, qui marquent l'enfance de l'art dans toutes les sociétés”* (Nadaillac, 1885: 471).

O renomado especialista não confirmou o relato por pesquisas de campo, atribuindo o controvertido vestígio a uma cultura ancestral e mais civilizada que a indígena. Esse procedimento não foi típico do período, a exemplo do único registro confiável que temos até o séc. XX. Realizando pesquisas etnográficas no Xingú, o antropólogo francês Henri Coudreau encontrou artefatos líticos e pinturas pré-históricas. Na área de Cachoeira Comprida, em meio a um riacho, defrontou formações artificiais de pedra:

*“Ces étranges Menhirs ou pierres levées du Xingú, au nombre de huit, ont actuellement chacun de 1m. à 1m.50 au-dessus des eaux moyennes de l'étiage; aux grosses eaux ils doivent être tous au fond. Ces étranges Menhirs empruntés évidemment aux pierres de la rivière, par qui ont-ils été dressés? Les Jurunas les disent très anciennes, remontant à une origine inconnue. Ce qui achève de prouver le voulu de leur érection, c'est qu'ils se trouvent tous placés au milieu*

*de carrés de pierres qu'on a apportées là, évidemment, tout exprès”* (Coudreau, 1887: 75)<sup>3</sup>.

O antropólogo ainda anexou duas ilustrações dos menires, pelas quais percebe-se um nítido alinhamento destes, bem como sua evidente artificialidade, em meio a bases formadas por montículos de pedras menores. O tamanho e a estrutura dos megalitos é pertinente com a registrada nos parâmetros da atualidade.

#### 4. EVIDÊNCIAS MEGALÍTICAS NO SÉC. XX

No início deste século, o geógrafo Alfredo Brandão encontrou evidências monumentais no estado de Alagoas. Membro do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano, possuía vasta experiência em registros arqueológicos, a partir da qual publicava descrições analíticas na revista do mesmo instituto. Entre os supostos monumentos encontrados, merece destaque o do sítio Sapucaia, no engenho Bom Jesus: “(...) parece ser um cromleck – trata-se de um círculo formado de pedras brutas implantadas verticalmente no solo” (Brandão, 1937: 252). Uma das características que concede credibilidade a seu relato é perceber a diferença entre estruturas coloniais históricas com os vestígios observados: “(...) os cromlecks, ou círculos de pedras brutas. Especialmente no sertão, é preciso distingui-los dos curraes de pedra, que pertencem a época atual” (253).

<sup>3</sup> “Estes estranhos menires ou pedras levantadas do Xingu, em número de oito estão, no momento, a um metro ou um metro e meio acima das águas médias das vazantes; nas cheias devem ficar todos emersos. Estranhos menires, feitos evidentemente com pedras do próprio rio, por quem terão sido erguidos? Os Jurunas dizem que são muito antigos, remontando a uma origem desconhecida. A prova definitiva de que foram erigidos com uma intenção determinada é que se encontram todos colocados no meio de quadrados de pedras, que foram para lá levadas de propósito, evidentemente” (Coudreau, 1977: 70).

O primeiro acadêmico a efetivamente realizar escavações sistemáticas em um conjunto megalítico brasileiro foi Curt Nimuendajú. Seus trabalhos na região amazônica entre 1922 e 1927 foram publicados em Stuttgart, sob o título *Streifzüge in Amazonien*. No sítio José Antônio, curso inferior do rio Cunani (norte do Amapá), encontrou um extenso alinhamento de pedras não polidas, erigidas intencionalmente (Linné, 1928: 77). Neste sítio, teriam ainda permanecido 150 blocos verticais sustentados por outros menores, por vezes apoiados um no outro, e que formam uma dupla linha, correndo paralelamente o rio Calçoene. O maior bloco do conjunto media 2x0,7x0,25m, tendo seu peso avaliado em 600kg. Devido ao fato de não encontrarem-se significativos vestígios cerâmicos e líticos, e as pedras terem sido deslocadas de grandes distâncias, Nimuendaju acreditava que estes alinhamentos teriam ligações com práticas religiosas, sendo o sítio um local sagrado.

No mesmo estado, porém mais ao sul, os arqueólogos norte-americanos Clifford Evans e Betty Meggers encontraram alinhamentos semelhantes. No sítio Aurora (região do rio Flexal), existiam blocos de granito com tamanhos variáveis e raspados asperamente. Devido à ação de caçadores de tesouros, a posição original e o número exato das pedras não pôde ser reconstituído. Em outro sítio, Ilha da Fortaleza, fo-

ram encontrados seis blocos alinhados circularmente em uma elevação natural. Como não foi descoberto nenhum vestígio de urna nem sepultamento, os arqueólogos concluíram que o sítio: “(...) was used as a place of worship or ceremonial gathering” (Meggers & Evans, 1957: 40), concordando com Nimuendaju quanto à finalidade dos megalitos encontrados por ele. Quanto aos autores dos monumentos pétreos, seriam indígenas da fase Aruã, a mais antiga a ocupar o espaço amazônico (Prous, 1992: 496).<sup>4</sup>

Ainda no norte do Brasil foram registradas ocorrências de **figuras de pedra**, no estado do Pará. O etnógrafo alemão Manfred Rauschert-Alenani encontrou em 1970, nas nascentes do rio Citaré: “figuras compostas de linhas longas de pedaços de pedra soltos, colocados sobre o planalto rochoso. Há, outrossim, pequenas figuras de animais e uma figura humana feita com a mesma técnica” (Rauschert-Alenani, 1970: 531).<sup>5</sup>

No sul da Guiana Francesa também foram registradas figuras de pedra, com cerca de 10cm de altura, representando formas animais e humanas. Uma das únicas áreas encontradas em nosso continente com tal ocorrência são os geoglifos chilenos e do Peru (Nazca) mas, devido à sua natureza funcional, são tratados pelos especialistas regionais como manifestações de arte rupestre, e não como conjuntos

<sup>4</sup> Os mesmos pesquisadores citam registros de alinhamentos na Guiana Inglesa, que não foram encontrados pessoalmente por eles (Meggers & Evans, 1960: 300).

<sup>5</sup> A presente bibliografia, bem como os estudos sobre figuras de pedra na Guiana Francesa, foram gentilmente fornecidos pela arqueóloga Edithe Pereira (Museu Goeldi, Pará).

megalíticos.<sup>6</sup> De igual modo, na Guiana Francesa ocorrem alinhamentos retilíneos, o mais importante com 287 blocos à uma distância de 65 metros (Maziere, 1997: 121), e circulares, com cerca de três metros (Hurault, 1963: 164). A distinção com a maioria dos alinhamentos megalíticos americanos é que a altura de cada pedra não ultrapassa 12cm, não constituindo, portanto, menires.

No extremo oposto do país, Rio Grande do Sul, o arqueólogo José Proença Brochado também encontrou vestígios megalíticos durante pesquisas em 1967-68. No vale dos rios Ijuí e Jacuí, numa pequena encosta, foram encontrados:

*“doze lajes de basalto retangulares, medindo entre 50 e 215 cm de comprimento por 26 a 60 cm de largura, estiveram colocados de pé ou horizontalmente apoiados sobre pedras menores. O conjunto (...) apresenta vários alinhamentos orientados norte-sul, com o seu eixo de simetria alinhado leste-oeste, acompanhando o declive. Ocupava o centro do conjunto um poste de basalto medindo 2m de altura, grosseiramente conformado de maneira a representar possivelmente uma figura humana” (Brochado, 1969: 49-50).*

Percebe-se a nítida orientação astronômica do conjunto, reforçada pelo encontro

de túmulos de pedra próximos, também alinhados leste-oeste, com aberturas voltadas para oeste.<sup>7</sup> O arqueólogo Brochado associou esses vestígios a tradições de origem patagônica.

Em outras regiões no Brasil foram registrados *cromlechs*. Em Pompeu (Minas Gerais), universitários encontraram formações circulares de pedra associadas a machados e cerâmica da tradição Aratu (Prous, 1992: 352). O arqueólogo Marcos Galindo Lima (UFPE) constatou diversos alinhamentos em Pernambuco, onde “um deles forma um círculo com 40-60 cm de altura, enquanto o outro desenha uma linha quebrada irregular” (Prous, 1992: 354). Em Roraima, o explorador Marcel Homet registrou ocorrências megalíticas durante os anos 50 (Homet, 1959: 12, 68). Uma equipe do Museu Goeldi realizou pesquisas neste estado e foi informada da existência de alinhamentos na região do rio Surumu, que podem ser confirmadas ou não em outras etapas de investigação desse grupo (Ribeiro, P., 1987: 43). Recentemente, próximo à base do monte Roraima, exploradores fotografaram um cromlech atribuído aos índios Pémons (Ribeiro, R., 1995: 38-39).

Pesquisadores amadores e aventureiros das mais diversas épocas relatam a ocorrência de estruturas megalíticas complexas em

<sup>6</sup> Para a especialista Susana Monzon, vários geoglifos do Chile e Peru são traçados com motivos geométricos e naturalistas, constituindo “l'accumulation de pierres de petite dimension de couleur plus foncée que celle du sol, ainsi que le nettoyage et l'extraction des cailloux dans les terrains pierreux” (Monzon, 1987: 99). Os geoglifos de Nazca são recentemente apontados como calendários (Aveni, 1986: 35). Segundo Alfredo de Souza, alguns geoglifos também são realizados por amontoamento de seixos (Souza, 1997: 59). Existem ainda, na América do Norte, as chamadas “Medicine Wheels”, realizadas há alguns séculos por indígenas, constituindo-se em alinhamentos de pedras e pequenos blocos rochosos de forma circular, também com intenções astronômicas (Eddy, 1977: 140).

<sup>7</sup> No Rio Grande do Sul foram registrados ainda corpos junto a montículos e pedras (tradição Taquara), enterrados estendidos de costas com o crânio voltado para o nascente ou poente (Ribeiro, P., 1977: 46). Muitos arqueólogos também encontraram crâneos e esqueletos em sambaquis com o eixo orientado para pontos de interesse astronômico, como o Leste (Prous, 1992: 217).

nosso país. Geralmente tratam-se de formações geológicas naturais tomadas como dólmen, sendo estes monumentos até hoje não comprovados no Brasil (Souza, 1997: 45). Os autores das descobertas creditam geralmente aos celtas a origem desses supostos monumentos. Aqui evidenciamos a continuidade de um mito iniciado no séc. XVII,<sup>8</sup> pelo qual os megalitos europeus eram considerados obras dos bárbaros gauleses. Sobrevivendo no academismo até fins do oitocentos, quando verificou-se que os monumentos pétreos eram obras de culturas muito mais antigas, o mito celta demonstra a construção de ideais nacionalistas, procurando vincular a pré-história com um passado civilizado e glorioso, justificando o presente político (Demouille, 1982: 744; Lima, 1988: 20). Isto não impediu a popularização da antiga teoria na literatura, cinema e cultura de massa: os famosos alinhamentos de Carnac e Stonehenge são creditados muitas vezes, até em obras didáticas, aos ousados celtas, desconsiderando pesquisas arqueológicas que os vinculam ao período neolítico europeu, de 4.000 a 1.800 a.C. (Renfrew, 1983: 128).

## 5. O ALINHAMENTO DE MONTE ALTO (BA)

Os mais famosos e polêmicos megalitos brasileiro, situados no sudoeste da Bahia, foram descobertos em 1879 pelo engenheiro Teodoro Sampaio. Muitos autores em nosso século trataram o local como um

exemplo de cidade perdida, devido à sua relação com o tema mítico das civilizações que teriam existido nas terras brasileiras.

Curiosamente, no momento da descoberta Teodoro Sampaio estava realizando trabalhos de exploração geográfica pelo interior da Bahia, procurando desmistificar nossa pré-história. Entre os acadêmicos do império, a existência de antigas civilizações adiantadas era um tema recorrente. A famosa cidade perdida da Bahia, buscada incessantemente por especialistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desde 1840, era defendida até mesmo pelo grande nome da arqueologia brasileira dessa época, Ladislau Netto. O IHGB e o Museu Nacional procuravam demonstrar a idéia de um passado nacional “civilizado”, uma alternativa à nossa singela e primitiva pré-história (Langer, 1997(a): 81-108).

Ao final do período imperial, Teodoro Sampaio encontrou formações geológicas bizarras associadas com pinturas rupestres na Serra do Sincorá (BA), um dos locais presumíveis da fantástica urbe esquecida. Para este pesquisador, tratava-se do próprio sítio que deu origem ao mito (Sampaio, 1937: 234). A divulgação dessa descoberta entre os especialistas foi uma das iniciativas que tratariam de deslocar o tema das discussões acadêmicas da arqueologia para a cultura popular. Porém, ao final de sua expedição, também encontrou próximo à cidade de Monte Alto algumas ruínas e um extenso alinhamento de pedra, que não soube esclarecer neste período.

<sup>8</sup> O primeiro a associar os megalitos com os celtas foi o antiquário John Aubrey (1626-1697), em seu livro *Monumenta Britannica*. Aubrey acreditava que os círculos de pedra britânicos eram templos druídicos, uma idéia que acabou por influenciar a literatura e a poesia romântica posterior. A imagem-estereótipo de Stonehenge, por exemplo, associada a cultos pagãos de sacrifício humano é herdeira direta desse período intelectual.

Como pretendia desmistificar o panorama etnográfico brasileiro e não criar outras discussões, omitiu esta descoberta até 1922. Ao organizar o verbete sobre arqueologia na importante publicação do centenário promovido pelo IHGB, descreveu:

*“Em Monte Alto, no lugar chamado Riacho das Pontas, vertente do rio Verde Grande, há, num campo, extenso alinhamento de pedras de cerca de metro e meio de altura, fincadas equidistantes, desenvolvendo-se por cerca de um quilometro, e proximo, sob uma esplanada rochosa, as ruínas de antigas construções de pedras toscas, algumas destas de grandes dimensões. Ignora-se ainda hoje a origem dessas ruínas”* (Sampaio, 1922: 848).

Apesar da reputação de Sampaio, a descoberta foi recebida com muita frivolidade entre os estudiosos. Angyone Costa, por exemplo, na primeira publicação especializada em arqueologia no Brasil (1936), colocou Monte Alto na mesma categoria que outros locais fantasiosos, como Vila Velha (PR) e as conhecidas Sete Cidades do Piauí (Costa, 1980, 98).<sup>9</sup> Esse preconceito ideológico se deve, em parte, ao impacto ainda presente nesta época dos antigos mitos oitocentistas em nosso continente. Uma das raras exceções foi o pesquisador Anthero Pereira Jr. Em um artigo para a Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, alertava para a verificação *in loco* dos vestígios em questão: “aqui fica o que sabemos de maior sôbre tais alinhamentos, que devem,

quanto antes, ser devidamente estudados” (Pereira Jr., 1944: 60).

O próximo acadêmico a visitar Monte Alto foi novamente um engenheiro, Herman Kruse, em 1940. Realizou trabalhos topográficos e forneceu algumas referências sobre o local:

*“As pedras medem, aproximadamente, 1x2x6 palmos, e são fincadas por dois palmos dentro da terra. Todos eles tem um entalhe na parte superior M, em cujo ponto interior corre a linha da mira (...) As pedras se acham fincadas em distâncias iguais, de cerca de 7 palmos, algumas caíram e outras desapareceram (...) Não se trata, indubitavelmente, de uma cerca de curral”* (Moura, 1996: 25-26).

Infelizmente seu trabalho permaneceu inédito, sendo parcialmente descrito recentemente por seu colega de topografia, Waldemar Moura.

Monte Alto novamente seria popularizada em 1971, quando foi redescoberta pelo pesquisador Luis Galdino. Em diversos artigos para revistas e jornais, forneceu fotografias e descrições do intrigante local:

*“(...) O alinhamento melhor conservado desenvolve-se em semicírculo ao longo do riacho das Pontas (...) O semicírculo formado pelos pilares fincados se prolonga por cerca de 600 metros. Os marcos de pedra são levantados a espaços de 3 metros. São bastante rudes, constituídos de pedras toscas. Os maiores atingem 1,50m, enquanto os menores estão semi-sepultados no brejo”* (Galdino, 1977: 39).

<sup>9</sup> Na realidade, esse procedimento dos acadêmicos prosseguiu até nossos dias, como demonstrou Alfredo Mendonça de Souza, ao incluir novamente Monte Alto na lista das cidades perdidas brasileiras (Souza, 1991: 77). Por sua vez, André Prous demonstrou um caminho inverso, ao insistir na necessidade de se retomar textos antigos, enriquecendo a tipologia bibliográfica do arqueólogo (Prous, 1992: 55). Um dos mais recentes exemplos da utilização de crônicas e relatos históricos na arqueologia brasileira foi o excelente trabalho de Edith Pereira para com os registros rupestres do Pará (Percira, 1993).

Através das informações publicadas por Galdino uma equipe do Museu Nacional e Universidade Federal do Paraná desenvolveu pesquisas no local em 1996. Confirmando a sua origem indígena,<sup>10</sup> os especialistas chegaram à conclusão de que o alinhamento seria “a projeção vertical do céu na superfície terrestre no instante do aparecimento das Plêiades” (Beltrão e Afonso, 1998 (a): 99). A função desse conjunto poderia ter sido a de um calendário baseado no nascer helíaco do aglomerado das Plêiades.<sup>11</sup> Diversas etnias da América e do mundo inteiro marcavam o início do ano baseado nas Plêiades, assim como os grupos indígenas brasileiros, cuja maior utilidade era desenvolver sistemas de marcações para controle da estação agrícola. Estruturas monumentais orientadas para essa região estelar também são encontradas em diversas regiões do planeta (Baity, 1973: 420).

A mesma equipe que pesquisou Monte Alto igualmente havia identificado monólitos orientados em Central (BA) em 1996 e, anteriormente, o prof. Germano Afonso estudou uma estrutura similar em Salto Segredo (PR). Consistem em megálitos com os quatro lados talhados artificialmente e de maneira tosca, com larguras diferenciadas e orientados para os pontos cardeais, com os

lados mais estreitos voltados para a direção leste-oeste (Beltrão & Afonso, 1998 (b)). O monólito de Segredo – com cerca de 1,70m de altura – estava associado a um sítio arqueológico e, ao seu redor, havia pedras menores indicando, aparentemente, as direções helíacas (Afonso, 1998: 1).

Os menires são o estágio cultural mais primitivo e primário do megalitismo. Em sua forma pura são antagônicos aos dólmenes, estes a forma mais complexa das disposições em pedra: “O menir é certamente o monumento megalítico mais puro e mais simples; uma pedra bruta ou apenas retocada cravada no solo e que tende de modo geral à forma de um fuso irregular” (Orens, 1978: 250). O encontro de monólitos (menires isolados) no Brasil indica uma tendência iniciada desde os primórdios das comunidades pré-históricas, em realizar monumentos que sejam reflexos de aspectos sociais e também práticos, ao serem utilizados como calendários. Recentemente, o estudo de estruturas similares na África com grande antiguidade (Malville, 1998: 490) e de orientações astronômicas em megálitos argentinos (Bravo, 1996: 25-29), permite contextualizar esses estudos com os efetuados em nosso país, efetivando a universalidade dos padrões megalíticos.

<sup>10</sup> As ruínas identificadas inicialmente por Teodoro Sampaio no local, podem ser depósitos de salitre do séc. XVIII, sem vinculação com os alinhamentos. Pesquisas sistemáticas em arqueologia histórica elucidarão a origem desses vestígios. Quanto aos blocos de pedras alinhados, a altura (cerca de 0,70m) e afastamento (média de 2,50m) descartou plenamente a possibilidade de tais blocos de pedra terem sido utilizados ou construídos para fins de cercamento e curral. A extensão do alinhamento, cerca de 1km, torna o conjunto o maior já registrado no Brasil (Beltrão & Afonso, 1998(a): 95-96).

<sup>11</sup> O primeiro pesquisador a identificar possíveis correlações astronômicas na pré-história brasileira foi Marcel Homet, durante os anos 50 no estado de Roraima. Na Serra do Machado, encontrou uma caverna com petróglifos que considerou representações do sol, associadas com urnas funerárias. Próximo da entrada do sítio, situava-se um monólito com dois petróglifos, semelhantes aos da caverna (Homet, 1959: 68).

Apesar do eminente ceticismo dos acadêmicos brasileiro para com interpretações astronômicas na pré-história,<sup>12</sup> diversas pesquisas apontam para uma nova revisão do tema. Os vínculos do megalitismo com a arqueoastronomia são antigos<sup>13</sup> e, recentemente, aplica-se também essa perspectiva para a interpretação da arte rupestre. De maneira geral, as culturas ameríndias criavam calendários com fins empíricos, relacionadas a funções coletivas de demarcar o tempo:

“(...) a marcação de dias através da projeção das sombras de um bastão, que se interpõe entre o sol e uma pedra, nada tem de complexo ou extraordinário (...) Não vemos qualquer razão para aceitar-se relações metafísicas complexas ligadas à arte rupestre e rejeitar, de pronto, funções práticas para determinadas obras, que, se implicavam em uma complexidade mental, envolviam operações simples: repetimos, observar as sombras projetadas por um objeto e marcar a posição destas sombras, nada tem de complicado” (Seda, 1997: 160).

<sup>12</sup>A antropóloga Vilma Chiara, em recente trabalho, criticou as pesquisas de arqueoastronomia publicadas no Brasil. Concordamos com a autora quanto à questão da interpretação dos vestígios de *arte rupestre*. Torna-se extremamente complicado para o pesquisador estabelecer parâmetros de análise para categorias *simbólicas* nem sempre universais. Porém, a respeito de determinados pontos metodológicos, a autora equivoca-se. Para Chiara, as populações indígenas brasileiras não poderiam ter elaborado calendários de demarcação astronômica do tempo, por serem “sociedades sem estado”, e sua utilização implicaria na presença de uma forma de escrita (Chiara, 1998: 6). As pesquisas demonstram que diversas sociedades *sem conhecimento de escrita* elaboraram sofisticados sistemas de cômputo do tempo na América do sul e Brasil (Carlson, 1990: 76, 84; Dearborn, 1998: 244; Afonso, 1998: 1). Na questão da relação subsistência e clima, a pesquisadora declara que sua demarcação não necessita de outros fatores, além da óbvia oposição estação seca/chuvosa. A antropóloga Berta Ribeiro, ao contrário, demonstrou que os índios Desanã utilizam uma quantidade maior de estações, reguladas diretamente pelo surgimento de constelações, estas determinando o ciclo econômico anual (Ribeiro, B., 1987: 35). Chiara insiste na noção de padrões civilizatórios relacionados com conhecimento técnico – uma sociedade para elaborar calendários astronômicos tem necessariamente que criar monumentos sofisticados, escrita, organizações políticas complexas, etc. (Chiara, 1998: 6). Contudo, civilizações “superiores” como a inca desconheciam a roda e a escrita, mas tinham necessidade de realizar demarcações astronômicas como outras etnias consideradas “menos complexas”. Sobre o tema da etnoastronomia americana, ao contrário do que afirma a autora (Chiara, 1998: 2), a bibliografia é extensa (vide anexos Baity, 1973: 423-451). Vilma Chiara também desconhece a metodologia da *arqueoastronomia*: “A associação entre a arqueologia e a astronomia, de maneira nenhuma subtende ou sugere interdisciplinaridade, pois cada especialista se atém estritamente, ou deve se ater à sua área de conhecimento” (Chiara, 1998: 1). Em clássica sistematização, a antropóloga Elizabeth Baity define os parâmetros modernos: “The interdisciplinary study of archaeoastronomy, supplemented with the insights which a broader ethnoastronomy can provide, affords the possibility of a new dimension for archaeology – upward – while ethnoastronomy, looking within ideological structures, must apply the ancient cultic concept, as above, so below” (Baity, 1973: 418).

<sup>13</sup>Os estudos arqueoastronômicos são quase tão antigos quanto a arqueologia moderna. Em 1740, o antiquário William Stukeley percebeu o alinhamento solar de Stonehenge; Jacques de Cambry (1805) associou os menires ao culto do sol; H. du Cleuziou (1874) desenvolveu a teoria solsticial dos megálitos; P. Crossin (1898) aprofundou a teoria dos alinhamentos megalíticos equinociais. Os estudos astronômicos aplicados à arqueologia somente tiveram total credibilidade a partir do respeitado J. Norman Lockyer. Criador da revista *Nature*, publicou entre 1890 e 1906 pesquisas a respeito da orientação dos monumentos egípcios e megalíticos. Outra publicação clássica a respeito foi *L’Orientation des mégalithes funéraires et le culte solaire à l’époque mégalithique* (1912) de Marcel Baudouin (Hicks, 1979: 46; Orens, 1978: 216, 282-283). A arqueoastronomia megalítica tomaria grandes proporções acadêmicas e metodológicas a partir dos célebres estudos dos especialistas Alexander Thom em 1954-1972 e Gerald Hawkins entre 1963-1970 (Baity, 1973: 389-397; Hawkins, 1963; Thom, 1973).

Outra confirmação para os estudos arqueoastronômicos na pré-história brasileira são os registros de evidências etnográficas de nossos indígenas, registradas há décadas pelos antropólogos e acadêmicos.<sup>14</sup>

## 6. CONCLUSÃO: PADRÕES COMPARATIVOS DO MEGALITISMO BRASILEIRO

Os registros megalíticos no Brasil correspondem ao panorama observado em todo o continente. Especialmente na América do Sul, existem padrões de analogia muito grandes que, sem evidenciarmos **relações culturais diretas**, demonstram paralelos tipológicos importantes.

O primeiro padrão de comparação é o tamanho observado nos blocos de pedra. Com uma altura máxima de 2m e média de 0,50cm, os megálitos brasileiros se assemelham aos observados na América, não apresentando as dimensões colossais da Europa e Oceania. As construções monumentais de San Augustin (Colômbia), Ilha da Páscoa (Chile), Tiahuanaco (Bolívia) e La Venta (México), são excluídas dessa classificação cultural, como já observamos.

O **padrão de disposição** mais observado no Brasil é o alinhamento **retilíneo**, ocorrendo no Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Bahia e Amapá. A ocorrência de

circulos de pedra (*cromlechs*) concentra-se no norte e nordeste do país. No estado do Amapá ocorreram evidências dos dois agrupamentos, relacionados à mesma etnia indígena (Meggers, 1957; Prous, 1992). Em outras regiões da América do Sul, a ocorrência de *cromlechs* é absolutamente superior em relação aos alinhamentos retilíneos.

A **sustentação** dos blocos megalíticos brasileiros geralmente era realizada diretamente no solo. Em alguns casos, como no Mato Grosso e Rio Grande do Sul, estiveram apoiados em montículos de pedras menores em sua base. O menir central do cromlech do monte Roraima foi realizado também com essa técnica (Ribeiro, R., 1995: 38).

Os **monólitos** (menires isolados) registrados na Bahia e Paraná estavam associados a sítios cerâmicos, ambos com orientação astronômica (Beltrão & Afonso, 1998). O encontro de monólitos é comum na América do Sul, geralmente situados em locais elevados. No Peru, arqueólogos encontraram blocos pré-incaicos isolados na região de Pajatén, apresentando cada um “cêrca de 1m30 de altura. A base é quadrada e o topo, em forma de lança com arestas agudas” (Wood, 1967: 15). Os pesquisadores compararam esses monólitos com as *intibuatanas* e *huacas*<sup>15</sup> de pedra, utilizadas pelos incas para orientações solares do solstício (Wood, 1967: 16).

<sup>14</sup> A *etnoastronomia* pode ser definida como: “closely allied research field which merges astronomy, textual scholarship, ethnology, and the interpretation of ancient iconography for the purpose of reconstructing lifeways, astronomical techniques, and rituals” (Baity, 1973: 390). Uma das mais recentes aplicações da etnoastronomia americana foi o trabalho de Marshack sobre calendários indígenas oitocentistas (Marshack, 1985). Sobre o tema da etnoastronomia brasileira ver – Laraia, 1967; Coelho, 1983; Mourão, 1984, 1997; Ribeiro, B., 1987; Afonso, 1998.

<sup>15</sup> As *huacas* eram locais sagrados, de veneração religiosa, geralmente feitos de pedra ou madeira. A *intibuatana* (poste de amarrar o sol) era uma huaca de pedra localizada geralmente num centro urbano definido, como Cuzco, ou em elevações como Machu Picchu (Coe, 1997: 198).

Não foram registradas no Brasil ocorrências de **arte rupestre** – petróglifos ou pinturas – realizados nos blocos dos conjuntos megalíticos.<sup>16</sup> No sítio de Jacuí (Rio Grande do Sul) o menir central foi trabalhado, com uma possível imitação de forma humana (Brochado, 1969: 49). Em outras áreas arqueológicas, como na Argentina, as manifestações artísticas são comuns. Em Taffi (Tucuman) os menires apresentam, além de desenhos e símbolos abstratos, rostos humanos gravados no alto dos blocos. É um tipo de manifestação mais rara, ocorrendo nos menires da Córsega e da Oceania. Evidentemente, esses megálitos aproximam-se no conceito de estátuas-estelas, típica de culturas mais complexas, porém americanistas insistem em suas diferenciações.<sup>17</sup>

Quanto aos **aspectos funcionais** do megalitismo brasileiro, não foram descobertos megálitos no Brasil associados com restos fúnebres ou com intenções funerárias, típicos no Chile (Encina, 1983: 45), Argentina (Dougherty, 1972: 20) e Colômbia (Coe, 1997: 167), todos com dólmenes e menires adaptados para câmaras mortuárias.

A maioria das estruturas megalíticas americanas está relacionada com práticas religiosas e sagradas. O mais impressionante conjunto megalítico do Caribe, Capá (Porto

Rico), era um importante centro religioso e político da cultura Taino (Willey, 1971: 390). Também apresentava funções cerimoniais o centro megalítico Taino de Chacuey, na República Dominicana (Moya, 1955: 44). Um dos mais antigos monumentos peruanos, Queneto, foi interpretado pelos especialistas como um duplo templo, construído com grandes pedras e fileiras de lajes (Fraus, 1950: 497). No complexo Alamito (Argentina), círculos de pedra eram utilizados para rituais, associados com plataformas cerimoniais dos indígenas Ciénega (Willey, 1971: 220). As admiráveis apachetas (círculos de pedra) descobertas em grandes altitudes na Argentina, associavam-se com ritos sacrificiais incas e pré-incas (Schobinger, 1975: 78-79).<sup>18</sup> As figuras e alinhamentos de pedra da Guiana Francesa foram relacionadas com motivos simbólicos e mitológicos dos antigos indígenas da região (Maziere, 1997: 125). A mais completa escavação e estudo no Brasil, em sítio megalítico, foi realizada por Evans e Meggers no Amapá. Suas conclusões foram que o local era utilizado para fins cerimoniais (Meggers & Evans, 1957: 40).

Especialistas contemporâneos em megalitismo insistem na necessidade de perspectivas sociais no estudo funcional desses monumentos. Qual o seu papel e como eles foram

<sup>16</sup>O pesquisador Luis Galdino teria encontrado petróglifos em um megálito de Monte Alto (BA) em 1971 (Galdino, 1977: 39).

<sup>17</sup>Estudando monólitos com figuras antropomórficas na República Dominicana, o arqueólogo Emile Moya diferencia os mesmos das estátuas e ídolos típicos dos maias, astecas e incas: “consideramos éstas de Chacuey, como monólitos columnares, piezas más bien comparables a los menhires neolíticos de la vieja Europa” (Moya, 1955: 51).

<sup>18</sup>A região norte da Argentina possui a maior concentração de centros megalíticos do continente, respectivamente nas províncias de Salta, Tucuman e Catamarca. Também nessa região foi localizado o conjunto megalítico mais alto do mundo, no vulcão Antofalla (6.100m, Puna de Catamarca). Consiste em um alinhamento circular de pedra, disposto em volta de um monólito vertical ao centro (Schobinger, 1975: 78). A semelhança estrutural entre as apachetas argentinas com o cromlech dos índios Pémon identificado em Roraima é surpreendente.

utilizados, efetivamente, no funcionamento da sociedade. Para Colin Renfrew, os megálitos estabeleciam “coesão social”, estimulando a unidade das comunidades. Sua edificação duradoura era sentida como um “ato simbólico”, servindo como canalização de anseios religiosos (Renfrew, 1982: 133).

Outra tendência atual, que complementa essa perspectiva, são os estudos arqueoastronômicos. Diversas pesquisas em inúmeras localidades do mundo comprovaram a efetiva orientação astronômica de estruturas megalíticas. Essa tendência de orientar determinado monumento, além da óbvia função de calendário agrícola, entrelaça-se na organização social ao promover períodos cerimoniais e determinadas funções de classe (Baity, 1973: 418). Um exemplo atual da utilização das duas perspectivas é o estudo pioneiro dos megálitos argentinos: “Han servido para datar el año solar, fijando los tiempos de laboreo de la tierra, como señalar tiempos sagrados para celebraciones y ritos” (Bravo, 1996: 26).

Os estudos de megalitismo e arqueoastronomia em nosso país estão em fase inicial, em locais como Monte Alto (BA). Futuras pesquisas complementarão informações como padrões cerâmicos, cronológicos e culturais. Alinhamentos de pedra que ainda sobrevivem, como no norte e nordeste do Brasil, são um grande potencial de pesquisa.

Resta aos especialistas futuros a delimitação de uma metodologia que complemente o atual panorama de investigação em nosso país, que algumas vezes relega determinados indícios arqueológicos para segundo plano. Afinal, os megálitos tornam-se os únicos testemunhos monumentais de um legado cultural de nossos indígenas, tornando a investigação do passado ainda mais instigante e necessária.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a colaboração do prof. Germano Bruno Afonso (UFPR), pela orientação em arqueoastronomia brasileira; Luiz Galdino (IHGSP), André Prous (UFMG), Edithe Pereira (Museu Goeldi) e Pedro Funari (Unicamp) pelo envio de material; o prof. Igor Chmyz (UFPR) pela consulta ao acervo bibliográfico do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, G. B. *A arqueoastronomia e os eclipses*. Apostila do Eclipse, IAG/USP, 1994. p.142-150.
- , *Etnoastronomia guarani*. Trabalho apresentado na Oficina de Arqueoastronomia do MAST/CNPQ. Rio de Janeiro, 1998.
- , Os monólitos orientados. In: *Astronomia indígena*. No prelo.
- AVENI, A. The Nazca lines: patterns in the desert. In: *Archaeology*. Julho/agosto 1986. p.33-39.
- , Archaeoastronomy: past, present, and future. In: *Sky and Telescope*. Vol.72, n.5. Nov. 1986. p.456-460.
- BARLAEUS, G. *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil* (1641). Recife: Secretaria de cultura, 1980.
- BAITY, E. C. Archaeoastronomy and ethnoastronomy so far. In: *Current Anthropology*. Vol.14, n.4. Outubro 1973. p.389-431.
- BEACH, D. Cognitive archaeology and imaginay history at Great Zimbabwe. In: *Current Anthropology*. Vol.39, n.1. Fevereiro 1998. p.47-72.

- BELTRÃO, M. C. & AFONSO, G. B. Um calendário das Plêiades na Bahia. In: *Revista do Icomos-Brasil*. São Paulo: Iconos Brasil, 1998(a).
- \_\_\_\_\_, *Arqueoastronomia brasileira*. Trabalho apresentado na Oficina de arqueoastronomia do MAST/CNPQ. Rio de Janeiro, 1998(b).
- BELTRÃO, M. C. & DORIA, F. O que é contar? In: *Revista de Arqueologia*. São Paulo, v.5, n.1. 1988.
- BRANDÃO, A. Monumentos megalíticos. In: *A escripta prehistorica do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
- BRANDONIO. *Diálogos das grandezas do Brasil* (1598). São Paulo: Melhoramentos, 1977.
- BRAVO, O. El enigma da la Ciudadcita: arqueoastronomia de los nevados del Aconquija, provincia de Tucuman. In: *Revista de la Facultad de Ciencias Exactas y Tecnologia*. Universidad Nacional de Tucuman, n.3, abril de 1993. p. 5-14.
- \_\_\_\_\_, Arqueoastronomia en las culturas andinas. In: *Revista de Ciencias Exactas e Ingenieria*. Universidad Nacional de Tucuman, n.10, outubro de 1996. p.16-29.
- BROCHADO, J. P. Pesquisas arqueológicas nos vales do Ijuí e Jacuí. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969. n.13.
- CARLSON, J. B. America's Ancient Skywatchers. In: *National Geographic*. Vol.177, n.3. março 1990. p.76-107.
- CHIARA, V. *O mundo da lua na arqueologia*. São Paulo, mimeo. 21p.
- COE, M. et alli. *Antigas Américas: mosaico de culturas*. Madrid: Ed. Del Prado, 1997.
- COELHO, V. P. Um eclipse do sol na aldeia Waurá. In: *Journal de la Société des Américanistes*. Paris, t.LXIX. 1983. p.149-167.
- COSTA, A. Material suspeito. In: *Introdução à arqueologia brasileira* (1934). São Paulo: Ed. Nacional, 1980.
- COUDREAU, H. *Voyage au Xingú*. Paris: La Hure, 1887.
- \_\_\_\_\_, *Viagem ao Xingú*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.
- DÉCHELETTE, J. *Manuel d'archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine*. Paris: Auguste Picard, 1924.
- DEARBORN, D. S. P. The sanctuary of Titicaca: where the sun returns to earth. In: *Latin American Antiquity*. Vol.9, n.3, setembro 1998. p. 240-258.
- DEMOULLE, J. La préhistoire et ses mythes. Paris: *Annales*, 1982. n.5-6. p.741-759.
- D'EUVREUX, I. *Viagem ao norte do Brasil* (1615) Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1929.
- DOUGHERTY, B. Un nuevo yacimiento con construciones tumuliformes de piedra: Agua Hedionda. In: *Etnia*. Buenos Aires, n.16, janeiro 1972. p.20-29.
- EDDY, J. A. Probing the mystery of the medicine wheels. In: *National Geographic*. vol.151, n.1. janeiro 1977. p.140-146.
- ENCINA, F. A. *Historia de Chile*. Santiago: Editorial Ercilla, 1983.
- FRAU, S. C. Las culturas megalíticas americanas. In: *Prehistoria de américa*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 1950.
- FROST, F. J. Voyages of the imagination. In: *Archaeology*. Vol.46, n.2. Março/abril 1993.
- FUNARI, P. P. A. Arqueologia e poder. In: *Arqueologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_, Arqueologia brasileira: visão geral e reavaliação. In: *Revista de história da arte e arqueologia*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. n.01. p.23-41.

- GALDINO, L. O santuário de Monte Alto. In: *Planeta*. São Paulo, n.52, 1977. p.35-45.
- , Itacoatiaras: uma pré-história da arte no Brasil. *São Paulo: Editora Rios, 1988*.
- HAWKINS, G. Stonehenge decoded. In: *Nature*. Vol.200. Outubro 1963. p.306-308.
- , Stonehenge: a neolithic computer. In: *Nature*. Vol.202. Junho 1964. p.1258-1261.
- HICKS, R. Archaeoastronomy. In: *Archaeology*. V.32, n.2, março 1979. p.46-52.
- HURAUULT, J. et ali. Pétroglyphes et assemblages de pierres dans le sud-est de la Guyane Française. In: *Journal de la Société des Americanistes*. Paris, n.52, 1963. p.157-166.
- HOMET, M. *Os filhos do sol*. São Paulo: Ibrasa, 1959.
- IMBELLONI, J. *La Segunda Esfinge Indiana: antiguos y nuevos aspectos del problema de los orígenes americanos*. Buenos Aires: Librería Hachette, 1956.
- KNIVET, A. *Varia fortuna e estranhos fados (1597)*. São Paulo: Brasiliense, 1947.
- LANGER, J. A esfinge atlante do Paraná: o imaginário de um mito arqueológico. In: *História: Questões & Debates (UFPR)*. Curitiba, vol.13, n.25, 1996. p.148-164.
- , Mito, história e literatura: as cidades perdidas do Brasil. In: *História e Perspectiva (UFU)*. Uberlândia, n.14, jan. 1996. p.67-83.
- , *As cidades imaginárias do Brasil*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1997(a).
- , Mitos arqueológicos e poder. In: *Clio – Série arqueológica (UFPE)*. Recife, 1997(b). n.12. p.109-125.
- , O mito do Eldorado. In: *Revista de História (USP)*. São Paulo, 1997(c). n.136. p.25-40.
- , Enigmas arqueológicos e civilizações perdidas no Brasil novecentista. In: *Anos 90 (UFRGS)*. Porto Alegre, n.9, julho de 1998. p.165-185.
- LARAIA, R. B. O sol e a lua na mitologia xinguana. In: *Revista do Museu Paulista*. Vol.XVII, 1967. p.7-36.
- LIMA, T. A. Patrimônio arqueológico, ideologia e poder. In: *Revista de Arqueologia*. v.5, n.1. 1988. p.191-202.
- LINNÉ, S. Les recherches archeologiques de Nimuendaju au Brésil. In: *Journal de la Société des Americanistes*. Paris, n.20, 1928. p.71-91.
- MALVILLE, J. M. et ali. Megaliths and Neolithic astronomy in southern Egypt. In: *Nature*. Vol. 392, n.6675. Abril 1998. p.488-491.
- MANTILLA, P. C. Nuevos aportes para el conocimiento cronológico del área Tairona. In: *Boletín de Arqueología*. Bogotá, ano 1, n.1. Janeiro 1986. p.39-42.
- MARSHACK, A. A lunar-solar year calendar stick from North America. In: *American Antiquity*. Vol.50, n.1, 1985. p.27-51.
- MARTIN, G. Registro rupestre e registro arqueológico do nordeste do Brasil. In: *Revista de Arqueologia*. São Paulo, v.8, n.1. 1994. p.291-305.
- MAZIERE, M. L'art rupestre amérindien de Guyane. In: PUAUX, Olivier & PRÉVENTINE, Michel. (org.) *Archaeological and historical life of Sinnamary from 17 e to 20e Century (French Guyane)*. Paris, French Archaeology Documents, n.60. 1997. p.99-130.

- MEGGERS, B. & EVANS, C. *Archaeological investigations at the mouth of the Amazon*. Washington: Smithsonian Institution, 1957.
- , *Archaeological investigations in British Guiana*. Washington: Government Printing Office, 1960.
- MEGGERS, B. J. *América pré-histórica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- MENEZES, F. T. Lamentação Brazílica (1806). In: *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, 1887. vol.50. p.238-294.
- MITTON, S. The megalithic moonwatchers of Europe. In: *New Scientist*. 13 abril 1972. p.60-62.
- , Les astronomes mégalithiques. In: *La Recherche*. Paris, vol.4, n.34. Maio 1973. p.437-444.
- MONZON, S. *L'art rupestre sud-américain: préhistoire d'un continent*. Paris: Le Rocher, 1987.
- MOYA, E. B. *Monumento megalítico y petroglifos de Chacuey, Republica Dominicana*. Santo Domingo: Editora del Caribe, 1955.
- MOURA, W. T. *História da formação e vida de Palmas de Monte Alto*. Monte Alto: s.ed, 1996.
- MOURÃO, R. R. F. *Astronomia do Macaúma*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- , A observação pré-histórica da lua. In: *Revista do IHGB*. Rio de Janeiro, 1997. vol.158, n.395. p.481-486.
- NADAILLAC, M. *L'Amérique préhistorique*. Paris: G. Masson, 1882.
- NIEL, F. *Stonebenge*. São Paulo: Hemus, s.d.
- ORENS, M. *A civilização dos megálitos*. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1977.
- PEREIRA, E. Registros rupestres no Pará – a contribuição de cronistas, viajantes e naturalistas. In: *Clio – série arqueológica*. Recife, vol.1, n.9. 1993. p.21-44.
- PEREIRA JR, J. A. A propósito dos alinhamentos de Monte Alto. In: *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, 1944. vol.XCVII. p.55-61.
- , Alinhamentos, palafitas, dólmens. In: *Introdução ao estudo da arqueologia brasileira*. São Paulo: 1968.
- PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1991.
- RAUSCHERT-ALENANI, M. I. Expedição ao Tumucumaque em 1968-70. In: *Cadernos Germano-Brasileiros*. Ano IX, n.8/70. Agosto 1970. p.528-531.
- RENFREW, C. The social archaeology of megalithic monuments. In: *Scientific American*. Vol.249, n.5, 1982. p.128-138.
- RIBEIRO, B. G. & KENHIRI, T. Chuvas e constelações: o calendário econômico dos índios Desâna. In: *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, vol.6, n.36, outubro 1987. p.26-35.
- RIBEIRO, P. A. M. *Manual de introdução à arqueologia*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1977.
- RIBEIRO, P. A. M. et ali. Projeto arqueológico de salvamento na região de Boa Vista. In: *Revista do CEPA*. Vol.14, n.17. Junho 1987.
- RIBEIRO, R. No mundo perdido. In: *Terra*, ano 4, n.7, julho 1995. p.36-52.
- SAMPAIO, T. Archeologia. In: *Dicionário histórico, geográfico e etnográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1922.
- , *O rio São Francisco e a chapada Diamantina*. Salvador: Cruzeiro, 1937.
- , Inscrições lapidares indígenas no vale do Paraguassú (1916). In: *Os naturalistas viajantes e a etnografia indígena*. Salvador: Livraria Progresso, 1955.

- SCHOBINGER, J. *La "mumia" del Cerro El Toro*. Buenos Aires, 1975. Mimeo.
- SEDA, P. A questão das interpretações em arte rupestre. In: *Clio – série arqueológica*. Recife, v.1, n.12. 1997. p.139-167.
- SILVA, A. J. M. O megalitismo na Beira Alta. *Cyberarqueólogo português*. Vol.I. (<http://gemini.ci.uc.pt/ihiti/aia/tostato/html>). 1998.
- SOUZA, A. M. História da arqueologia brasileira. In: *Pesquisas – antropologia*. Instituto Anchieta de Pesquisas. n.46. 1991.
- , *Dicionário de arqueologia*. Rio de Janeiro: Adesa, 1997.
- THOM, A. et ali. The astronomical significance of the Crucuno stone rectangle. In: *Current Anthropology*. Vol.14, n.4. Outubro 1973. p.450-451.
- WILLEY, G. R. *An introduction to american Archaeology*. Vol. II: South America. New Jersey: Prentice Hall, 1971.
- WINDHAUSEN, R. A. Los misteriosos menhires de Tafi. In: *Américas*. março-abril 1986. p.40-43.
- WOOD, R. P. *Américas*. Julho 1967. p.07-16.